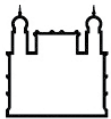


ALMANAQUE

SAÚDE E CIDADE

EDIÇÃO JACAREPAGUÁ - 2013





FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

PDCFMA Programa de Desenvolvimento
do Campus Fiocruz da Mata Atlântica

Presidente

Paulo Ernani Gadelha Vieira

COORDENADORIA DE COOPERAÇÃO SOCIAL/PRESIDÊNCIA

Coordenador

José Leonídio Madureira de Sousa Santos

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO CAMPUS FIOCRUZ
DA MATA ATLÂNTICA/PRESIDÊNCIA

Coordenador executivo

Gilson Antunes da Silva

ESCRITÓRIO TÉCNICO INICIATIVAS LOCAIS
E TERRITÓRIO SAUDÁVEL

Coordenadora

Flávia Passos Soares

CAMPUS FIOCRUZ DA MATA ATLÂNTICA (CFMA)

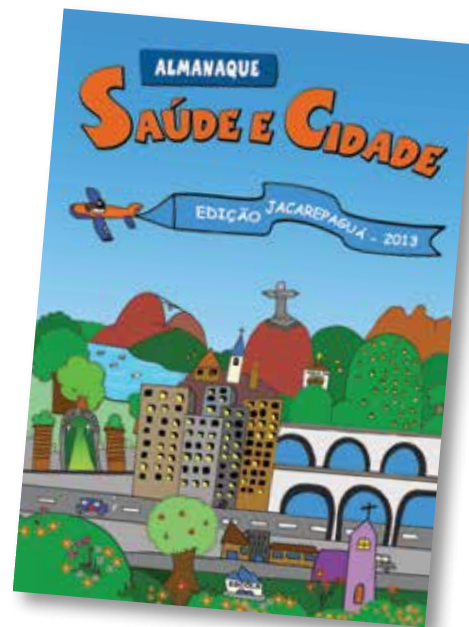
Estrada Rodrigues Caldas, 3.400

Pavilhão Olympio da Fonseca Filho (Pavilhão Agrícola
da antiga Colônia Juliano Moreira)

Jacarepaguá

Rio de Janeiro, RJ - CEP: 22.713-375

Tel: (21) 2448-9001 - Fax: (21) 2448-9028



CATALOGAÇÃO NA FONTE
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

S587a Silveira, Carmen Beatriz (Org.)
Almanaque saúde e cidade: edição Jacarepaguá - 2013. /
organizado por Carmen Beatriz Silveira, Ana Beatriz Melo S.
Oliveira e Claudia Muniz Moreira Magnani. – Rio de Janeiro :
FIOCRUZ/Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz da
Mata Atlântica, 2013.

36 p. : il. ; graf. ; mapas + encarte
ISBN: 978-85-85471-20-0

1. Saúde. 2. Cidades - história. 3. Qualidade de Vida.
4. Redes de Infraestrutura Urbana. 5. Moradia Saudável.
6. Moradia Sustentável. 7. Favelas. I. Oliveira, Ana Beatriz
Melo S. (Org). II. Magnani, Claudia Muniz Moreira (Org.).
III. Título.

CDD - 22.ed. - 362.5

Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz da Mata Atlântica (PDCFMA)

Situado em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o PDCFMA é mais um investimento da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que busca promover a saúde, o desenvolvimento social e a restauração ambiental, produzir e disseminar conhecimento científico e tecnológico e, assim, contribuir para a construção da cidadania naquele território.

O PDCFMA desenvolve projetos nos temas de gestão ambiental, de educação e de iniciativas de desenvolvimento local para territórios saudáveis, além de atuar no planejamento de ações vinculadas às Unidades Técnico-Científicas do Campus Fiocruz – Manguinhos.

No caso da 16ª R.A. – Jacarepaguá, destaca-se a atuação do PDCFMA visando à restauração da Mata Atlântica e sua biodiversidade, bem como à qualidade de vida da população, envolvendo projetos e tecnologias sociais destinados à melhoria da Saúde Pública, com foco no saneamento e nas condições de moradia e de educação.



É muito importante conhecer melhor o lugar onde vivemos: a casa, a escola, o ambiente de trabalho, os espaços de lazer e de cultura, as ruas e praças.

Conhecendo a nossa cidade e a história da nossa gente, podemos compreender melhor o mundo e assim nos tornamos cidadãos. Pensando como cidadãos é que temos condições de conquistar uma vida mais digna.

Nós somos alunos da Escola Municipal Eunice Weaver. Juntos com a equipe do projeto* e professores da nossa escola, estudamos esses assuntos, conversamos, desenhamos, escrevemos, e tudo isso resultou neste almanaque, que foi complementado e editado por profissionais especializados. Esse trabalho conjunto se chama “construção compartilhada de conhecimentos”.

Aqui você encontrará ideias e informações sobre saúde, moradia, qualidade de vida e cidade. Esperamos que estas páginas sejam úteis também para alunos de outras escolas e moradores de outras regiões da cidade.



O Almanaque Saúde e Cidade é resultado do Projeto ‘Promoção da Saúde sob a Perspectiva da Habitação e do Habitat’ – uma parceria entre o Campus Fiocruz da Mata Atlântica / FIOCRUZ, a Escola Municipal Eunice Weaver e o Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá.

PROJETO PROMOÇÃO DA SAÚDE SOB A PERSPECTIVA DA HABITAÇÃO E DO HABITAT

EDUCAÇÃO SOCIOESPACIAL NO CAMPUS FIOCROZ
DA MATA ATLÂNTICA E ADJACÊNCIAS

EQUIPE

Campus Fiocruz da Mata Atlântica

Carmen Beatriz Silveira - Coordenadora
Claudia Muniz Moreira Magnani - Proponente
Ana Beatriz Melo S. Oliveira
Eunice D. Carvalho de Oliveira
Taissa de Mattos Machado

Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Valdeir da Costa Lobo
Renato de Souza Doria

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Alexandre Pessoa

Monitoras comunitárias

Laudelina de Almeida Ferreira
Jaqueline O. de Aquino

Grupo de alunos da Escola Municipal Eunice Weaver

Amanda M. R. Zanzar
Ana Luiza Alves Cordeiro*
Andreza da Silva Derme*
Beatriz de Almeida Santana*
Christian Rodrigues de Oliveira*
Claudyane Alves da Silva
Eduarda Letícia N. Costa
Fabrício Moreira Santos de Araújo*
Fabrício Profeta V. Silva
Flaviane Maria Cruz Pessoa
Gabriel Henrique de Araújo Albério*
Izaías Rodrigues da Silva Neto
Julyana Victoria B. Pereira*
Ladson Ralf Ferreira Carías*
Larissa Derme de Magalhães
Luana Santos Miranda*
Luís Henrique dos Santos Derme
Luziana do Nascimento Galvão Rosa
Maria Luíza Santos Silva Nunes*
Mariana do Amparo
Marina A. Ferreira Gonsalves da Silva*
Mayara Cesar Venâncio de Jesus
Nathalia Oliveira da Silva Lopes
Raquel da Silva de Pádua Assunção*
Renata de Rezende Mendonça*
Suzana Serqueira Costa de Oliveira
Thainá Félix Machado
Thainá Ferreira da Silva*
Yuri Camilo Menezes Lopes


* Alunos que participaram também das oficinas de arte-educação em 2013.

Escola Municipal Eunice Weaver


Diretora – Terezinha de Jesus Nunes Braga
Coordenadora Pedagógica – Clarice Maria Silva Campos
Professora de Artes Visuais – Lilian Beatriz Heringer de Souza
Professor de Geografia – Valdeir da Costa Lobo

Editoração e produção do Almanaque:


TextoImagem Criação e Produção
Direção de arte: Vanja Freitas
Coordenação editorial: Gustavo Barbosa
Arte-educação: Marise Castro
Pesquisa: Lourenço Guimarães
Diagramação: Conceito Comunicação Integrada



Os almanques existem há vários séculos. No Brasil, tiveram grande importância para a educação sanitária nas primeiras décadas do século XX, divulgando conhecimentos sobre higiene e cuidados com a saúde.



A palavra almanaque tem origem na palavra árabe al-mañak, que significa 'lugar onde o camelo se ajoelha', uma parada de descanso para os camelos e os viajantes. Nessas paradas, os viajantes trocavam informações e experiências.



Você também está convidado a relaxar um pouco divertindo-se com as leituras, jogos e passatempos deste almanaque.

SUMÁRIO



- 6 Estamos em Jacarepaguá! Nosso bairro, nossa escola, nossas praças.
- 8 Nos arredores da casa e da escola: do que gostamos, do que não gostamos, o que pode melhorar e o que podemos fazer para melhorar.
- 10 O que é uma baixada? Onde estão os bairros da 16ª R.A.?
- 12 Antigamente... em Jacarepaguá. Dos primeiros tempos ao século 20. A ocupação ao longo do tempo.
- 14 A cidade se transforma. Obras/intervenções urbanas e suas consequências. O que mudou?
- 16 Breve história das favelas no Rio de Janeiro. Como surgiu o nome "favela"?
- 17 Passatempos: "Jogo do tempo" e "Janelas para olhar"
- 18 Passatempos: "Carta enigmática" e "Vamos colorir?"
- 19 Passatempos: "Labirinto" e "Abelhas e Flores"
- 20 Moradia saudável é um direito humano. Cuidados que devemos ter. Indicadores da habitação saudável.
- 22 A infraestrutura da cidade. Nem tudo são espaços construídos. O que é preciso para a cidade funcionar bem? A cidade é formada por diferentes grupos sociais.
- 24 A água do carioca nos primeiros tempos de urbanização. O chafariz e os aquedutos. Da Antiguidade Romana até Jacarepaguá. Ligue os pontos.
- 26 Também somos responsáveis pelo ambiente em que vivemos. Como aproveitar a água da chuva. Telhados claros e verdes. Aquecedor solar de baixo custo.
- 28 Depoimentos de quatro moradoras de comunidades de Jacarepaguá.
- 30 Como foi feito este Almanaque. Todos deram ideias... Todos trabalharam.
- 32 Passatempos: "Leve o lixo até o lugar certo" e "Jogo dos nove erros".
- 33 Arthur Bispo do Rosário: "Um dia simplesmente apareci no mundo".
- 34 Resultados dos passatempos.
- 35 Bibliografia.
- Encarte Jogo: "Vamos passear pela cidade?"

Encarte e quarta capa:

Galeria – Desenhos dos jovens que participaram da criação deste Almanaque.

ESTAMOS EM JACAREPAGUÁ!

Aquelas montanhas ali, que parecem um gigante, formam o maciço da Pedra Branca. Há 10 mil anos, o mar chegava até aqui. Por isso havia muitas lagoas. E milhares de jacarés como eu...



Para conhecer o lugar onde vivemos, é importante saber um pouco mais sobre a nossa escola.

A Escola Municipal Eunice Weaver foi inaugurada quando o Rio de Janeiro era capital do estado da Guanabara, em 4 de março de 1971.

O nome da escola homenageia uma pessoa que contribuiu muito para a saúde e a educação no Brasil. Vamos conhecer um pouco sobre ela?



Quem foi Eunice Weaver?

Nasceu em 1902, em uma fazenda no interior de São Paulo, formou-se na Escola Normal e fez o curso de Educação Sanitária.

Eunice estudou muito e se interessou pela cura da hanseníase, pois sua mãe sofria dessa doença, conhecida como lepra.

Ela fundou a Sociedade de Assistência aos Lázaros, escreveu vários livros e ajudou a fundar outras instituições de cura da hanseníase em todo o Brasil.

Por isso, muitas instituições têm hoje o nome Eunice Weaver, em sua homenagem, inclusive a nossa escola.

VOCÊ CONHECE AS NOSSAS PRAÇAS?

A Região Administrativa de Jacarepaguá tem dez bairros. Esses bairros têm 134 praças, 13 largos e dois parques. A nossa escola fica no bairro da Taquara. Você sabe os nomes das praças nas proximidades da escola?

- Combate
- Sentinela
- Clarim

Esse desenho é da Praça Sentinela.



“No meu bairro gosto da praça, de meus amigos e de minha casa. A rua está asfaltada e é muito bom para andar de skate. Vou sempre à praça encontrar os amigos e jogar queimado.”

Ana Luiza

“Para me divertir: gosto de jogar futebol com meus amigos na praça. Pego sol na laje de minha casa.”

Gabriel Henrique

“A gente vem pra praça e fica conversando. Quando não tem ninguém treinando a gente pega uma bola e joga.”

Andreza

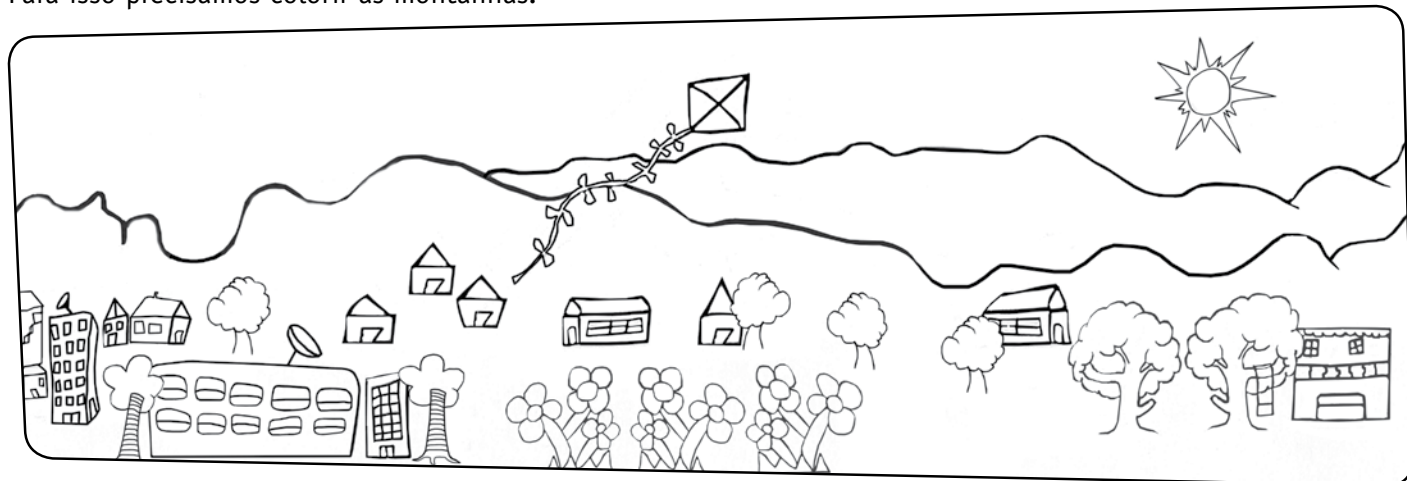
“Gosto de sair com meus amigos. Gosto de ir à praça perto de casa, na minha rua.”

Julyana



VAMOS ACORDAR O GIGANTE DE PEDRA?

Para isso precisamos colorir as montanhas.



NOS ARREDORES DA CASA E DA ESCOLA

A participação de todos é importante para que as coisas melhorem. Aqui estão algumas opiniões e desenhos dos jovens que ajudaram a criar este almanaque.



NÃO GOSTO DISSO

- Algumas ruas não têm pavimentação nem saneamento.
- Esgotos a céu aberto prejudicam a saúde.
- Hospitais sem recursos e com poucos médicos.
- O trânsito às vezes é caótico por falta de sinalização.
- Faltam sinais de trânsito perto de escolas onde muitas crianças atravessam as ruas.
- O barulho no trânsito das ruas principais é insuportável.
- Tem muito barro e quando chove faz muita lama.
- A iluminação é muito precária em algumas ruas.
- Tem gente que desperdiça água, lavando carros e calçadas com mangueira.
- Os ônibus superlotados deixam as pessoas cansadas e nervosas.



Muitos motoristas não respeitam as regras de trânsito e avançam o sinal fechado.



As construções coladas umas nas outras prejudicam a ventilação.



Há pouca vegetação em vários bairros da região.



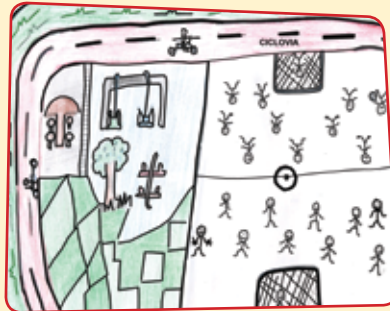
Alguns moradores jogam lixo nas ruas.

GOSTO DISSO

- O morro do Gigante Deitado é muito bonito e pode ser visto de vários locais.
- A rua onde moro foi asfaltada e as obras melhoraram o tráfego.
- Gosto das praças para passear e brincar, e também das ruas com lojas comerciais.
- Meu bairro tem ciclovias. Saio de bicicleta com os amigos e vou para a trilha na Colônia.
- Aqui tem bastante verde, muitas árvores.
- É bom morar perto de meus amigos.



Bastante verde, muitas árvores



Amigos morando perto de casa.



Praças para passear e brincar.
Ruas com lojas comerciais.

O QUE PODE MELHORAR

- Mais ruas pavimentadas.
- Mais praças e parques com árvores e flores melhoram o ambiente e são importantes para a saúde.
- Mais recursos públicos para a educação, saúde e lazer.
- Trânsito mais organizado, com boa sinalização e respeito aos sinais.
- Nosso bairro poderia ser tranquilo: a segurança precisa melhorar.
- O saneamento precisa atender a todas as ruas, o abastecimento de água melhorou, mas ainda falta água por causa das obras.



O trânsito precisa ser mais organizado.

O QUE PODEMOS FAZER PARA MELHORAR

- Conversar sobre os problemas da nossa rua, do bairro, da cidade.
- Discutir os problemas nas associações de moradores.
- Acompanhar as providências junto à Prefeitura.
- Manter contato com as empresas de serviços públicos: água e esgoto, energia elétrica, coleta de lixo, telefonia, ônibus etc.
- Muita coisa cabe a cada cidadão: não jogar lixo nas ruas, separar o lixo para reciclagem, cuidar das árvores, respeitar a sinalização...



É bom ir à praia de ônibus,
mas o serviço ainda é precário.



Luz do sol e áreas verdes são importantes para a saúde.

O que mais você acha que pode ser feito para melhorar seu bairro?

O QUE É UMA BAIXADA?

Baixada é como
são chamadas as
planícies localizadas
perto do mar,
baías ou rios.

A Baixada de Jacarepaguá, localizada entre os maciços da Tijuca e da Pedra Branca, é uma planície costeira que engloba uma área de 220 km².

Foi formada pelo último grande avanço do mar, ocorrido há cerca de 10 mil anos, além de sedimentos trazidos pelos rios ao longo de milhares de anos. A região já foi uma enseada que se juntou ao continente, quando se formaram restingas que depois se abriram fazendo surgir lagoas e lagunas. Essa é a origem das lagoas da região, como Marapendi, Tijuca, Camorim, Jacarepaguá e Taxas.

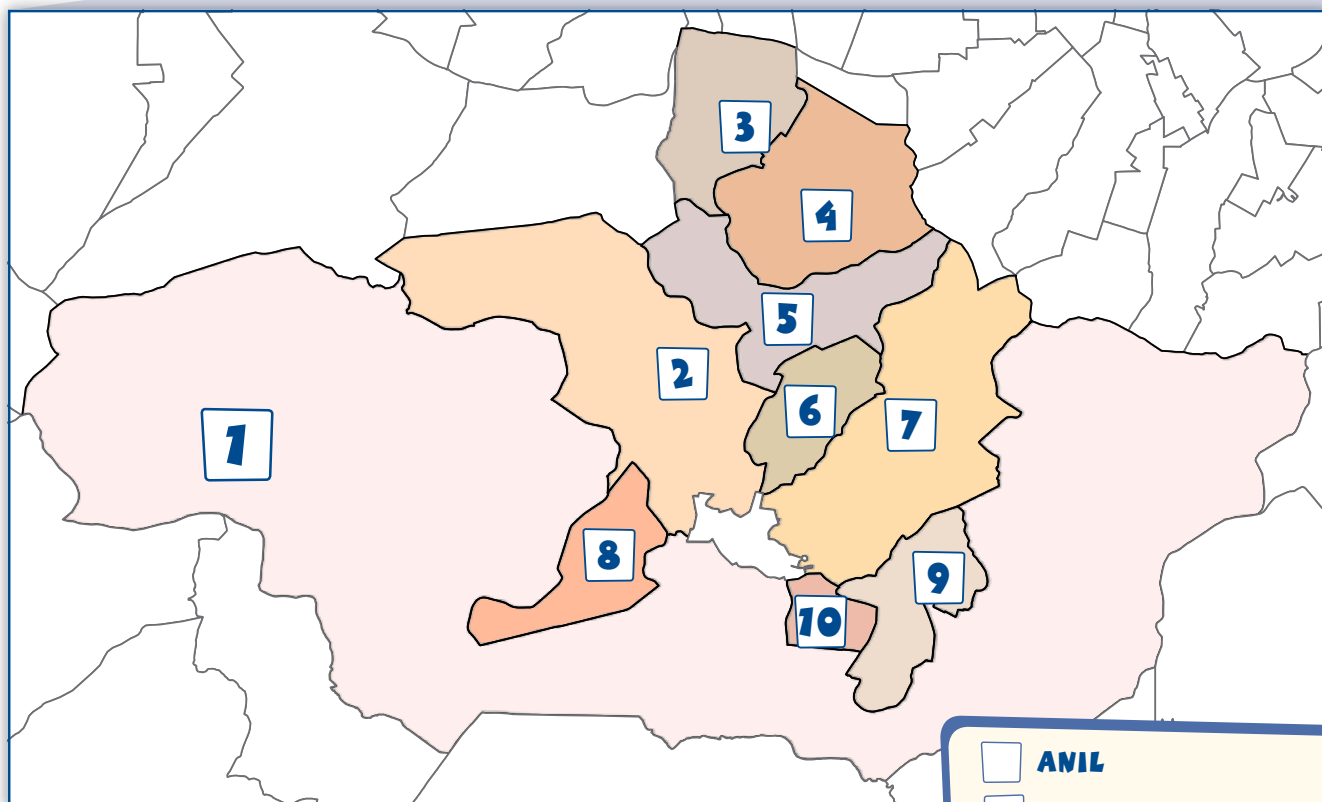
Aqui havia praias, dunas, restingas, manguezais, lagos e brejos, que compõem o bioma da Mata Atlântica. Mas a ocupação urbana mudou bastante a paisagem e o ambiente original.



ONDE ESTÃO OS BAIROS?

A Baixada de Jacarepaguá tem hoje três Regiões Administrativas (R.A.):

- Jacarepaguá (16ª R.A.)
- Cidade de Deus (34ª R.A.)
- Barra da Tijuca (24ª R.A.).



Na foto à esquerda, vista parcial da Baixada de Jacarepaguá. Ao fundo, a região da Barra da Tijuca. Na frente, prédios hospitalares, indústrias e comunidades da região de Jacarepaguá, junto à área de floresta e montanhas, do Parque Estadual da Pedra Branca.

Destaca-se o morro conhecido como 'Dois Irmãos', 'Águia Caída', 'Gigante de Pedra' ou 'Gigante Deitado'. Os dois últimos nomes abrangem um amplo conjunto de montanhas e têm origem em lendas dos índios tupinambás, contadas por moradores antigos.

A Região de Jacarepaguá tem dez bairros.

Ao lado, está a lista dos bairros da 16ª R.A., em ordem alfabética.

Você sabe onde eles ficam? Então escreva o número que corresponde a cada bairro no mapa nos quadradinhos ao lado de cada um dos itens da lista.

Depois, pode conferir as respostas na página 34.

- ANIL
- CURICICA
- FREGUESIA
- GARDÊNIA AZUL
- JACAREPAGUÁ
- PECHINCHA
- PRAÇA SECA
- TANQUE
- 2 TAQUARA
- VILA VALQUEIRE

Existe uma proposta no município para a criação de um bairro envolvendo as localidades em torno da antiga Colônia Juliano Moreira. Essa área já é chamada de Colônia, pelos moradores. O novo bairro, se for confirmado, será um desmembramento de parte do bairro Jacarepaguá e também fará parte da 16ª R.A.

ANTIGAMENTE... EM JACAREPAGUÁ

Você sabe por que Jacarepaguá tem esse nome?

Os índios Tupinambás, que habitavam a região, chamavam-na de Yacaré-Upa-Guá, que significa "lagoa rasa dos jacarés". Havia um complexo lagunar (quatro lagoas e uma lagoa) naquela baixada, onde se reuniam muitos jacarés-de-papo-amarelo.

Com a chegada dos portugueses, os índios foram obrigados a sair dessas terras.



Dos primeiros tempos ao século 20

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1565. Em 1594, o governador Salvador de Sá concedeu, em sesmarias, as terras da Baixada de Jacarepaguá a seus filhos Gonçalo e Martim, que dividiram a região entre si e fizeram várias obras.

A carta de doação das terras foi passada no dia 9 de setembro de 1594, data que se tornou comemorativa da fundação de Jacarepaguá.

Outra data importante para a região é 6 de março de 1661, quando foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio de Jacarepaguá.



Qual a diferença entre lagoa e laguna?

Lagoas são corpos de água cercados de terra. São depressões de pequena profundidade, que podem conter água doce ou salgada. Podem ser naturais ou feitas pelo homem.

Lagunas são depressões, formadas por água salobra (água dos rios misturada à água do mar) ou salgada. Localizam-se em áreas litorâneas e se comunicam com o mar através de um canal.

E qual a diferença entre freguesias e sesmarias?

Nos períodos colonial e imperial, a divisão territorial das cidades brasileiras correspondia à divisão paroquial da Igreja Católica, que chamava as áreas urbanas e rurais de paróquias ou **freguesias**.

E as **sesmarias** eram extensas doações de terra concedidas pela coroa portuguesa durante o período colonial para estimular o desenvolvimento. A palavra vinha de "sesmo" e queria dizer divisão de terras livres ou conquistadas.

A OCUPAÇÃO AO LONGO DO TEMPO

Séculos 17 a 19: sesmarias, engenhos de açúcar, fazendas de café.

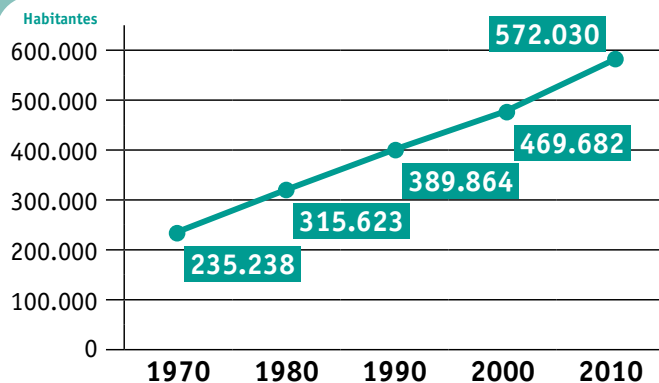
Segunda metade do Século 19: crise na produção agrícola, indústrias caseiras, parcelamento da terra.

Início do Século 20: primeiros loteamentos (1903, 1906, 1909).

Meados do Século 20: conjuntos habitacionais (Light, 1956; IPASE, 1956; Cidade de Deus, 1960; IAPB, 1964; Cafundá, 1980).

Últimas décadas do Século 20: crescimento nos investimentos imobiliários e nas ocupações informais.

POPULAÇÃO DA 16ª R.A. JACAREPAGUÁ - 1970 A 2010



Fonte: www.rio.rj.gov.br/ipp/armazemdedados

Em 1970, a população da região de Jacarepaguá era de 235.238 habitantes.



Puxa vida, 40 anos depois já é bem mais do que o dobro disso!



Igreja Nossa Senhora de Loreto



Igreja de Nossa Senhora da Penna

Na história da região, destaca-se a construção das igrejas de Nossa Senhora da Penna e de Nossa Senhora de Loreto, em 1664. Esta última era matriz da Freguesia de Jacarepaguá, mas acabou em ruínas. Em 1747, foi inaugurada outra igreja com o mesmo nome, em estilo barroco.

Outras obras importantes da região foram: a Casa da Fazenda do Engenho D'Água, do século 17; as Casas da Fazenda da Baronesa, da Fazenda do Engenho Novo e o Aqueduto, de meados do século 18 (ver pág. 24 deste Almanaque).

Martim, um dos filhos de Salvador de Sá, também foi governador do Rio de Janeiro, de 1602 a 1608 e de 1623 a 1632. Seu neto, Martim Correia de Sá e Benevides, deu início à dinastia dos viscondes de Asseca.

O 4º Visconde de Asseca, Martim Correia de Sá e Benevides Velasco, estabeleceu os primeiros núcleos populacionais na região, já no século 18. No entorno da atual Rua Cândido Benício surgiu um largo que a população começou a chamar de Largo do Asseca. Anos mais tarde, passou a ser Largo da Seca e, depois, Praça Seca.

Dos últimos anos do século 17 à primeira metade do séc. 18, instalaram-se várias fazendas de produção de açúcar na região de Jacarepaguá, que se tornou conhecida como a "Planície dos Onze Engenhos". Do final do século 18 até a segunda metade do séc. 19, foram as plantações de café que se tornaram a principal atividade econômica. A partir desse período, as grandes fazendas de café foram subdivididas em loteamentos e a produção continuou até o início do século 20, em pequenas propriedades.

PERÍODO	OBRAS / INTERVENÇÃO URBANA
Século 17 até meados do séc. 19	Demolição de morros Aterros de pântanos e lagoas Construção do Aqueduto da Carioca, hoje Arcos da Lapa (maior obra urbana do Brasil colonial)
Final do século 19 até a 1ª década do séc. 20	Demolição do Morro do Senado Instalação de saneamento (canalização de água, esgoto sanitário e drenagem) Primeiras habitações nos morros de Santo Antônio e da Providência Aqueduto da Carioca é desativado e passa a servir de acesso à linha de bondes Construção de avenidas e ruas, construção de prédios e saneamento Criação do Porto e de grandes avenidas Abertura da Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco)
Décadas 1920 e 1930	O morro do Castelo é demolido e sua terra é usada para a construção de vários aterros Renovação da área da Cinelândia Mudança de uso na Lapa Construção do edifício 'A Noite' na Praça Mauá
Década 1940	Construção da Av. Presidente Vargas Controle de atividades urbanas na Lapa
Décadas 1950/1960	Demolição de grande parte do morro de Santo Antônio Destruição de construções na Lapa Construção do elevador da Perimetral Renovação dos bairros Estácio e Catumbi
Década 1970	Construção do metrô Lei proíbe o uso residencial no centro Destruição de construções da Lapa
Década 1980	Expansão do metrô Projeto 'Corredor Cultural': reforma de espaços
Década 1990	Projeto 'Rio Cidade': urbanização Projeto 'Quadra da Cultura' da Lapa Lei permite uso residencial no centro Programa de Habitação 'Novas Alternativas'
Década 2000	Projetos: Distrito Cultural da Lapa; Revitalização da Praça Tiradentes Urbanização da rua do Lavradio Programa de Habitação 'Novas Alternativas'
Década 2010	Urbanização de parte da rua dos Inválidos Porto Maravilha (projeto da área portuária) Destruição de construções e de ruas Demolição do elevador da Perimetral Construção de túnel com via expressa Instalação de transporte VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) Reforma de praças, construção de equipamentos culturais Construção de prédios de negócios e de prédios residenciais

Com o passar do tempo, grandes projetos e obras mudam o traçado das ruas, e trechos da cidade são demolidos para a construção de novas casas, edifícios, viadutos, túneis... Veja aqui as principais transformações acontecidas na área central da cidade do Rio de Janeiro, desde o século 17.

**QUER SABER MAIS?
LEIA LIVROS E
PESQUISE SITES
SOBRE A HISTÓRIA
DA SUA CIDADE.**

Dobre a página na linha pontilhada "B" e encoste na linha "A", para ver quais as consequências de cada intervenção urbana.

CONSEQUÊNCIAS: O QUE MUDOU?

Mudança ambiental e criação de áreas livres para construções
Expansão da área urbanizada
Água do rio Carioca chega aos chafarizes para uso da população
Criação de áreas livres para construções
Melhoria das condições de salubridade
Origem das favelas
Melhoria no transporte para Santa Teresa
Destruição de ruas e de construções, modernização do centro
Inauguração do Teatro Municipal
Expulsão de moradores do centro; crescimento de favelas
Área central torna-se área de negócios, de lazer e de cultura
Destruição do berço histórico do Rio, espaço para novas construções
Expulsão de moradores, crescimento de favelas
Centro da cidade torna-se área de lazer e cultura de elite
Lugar de boemia e de lazer
Primeiro 'arranha-céu' da cidade, um prédio com 22 andares
Expulsão de moradores, destruição de construções antigas
Criação de áreas livres para novas construções
Repressão da boemia e de manifestações políticas
Destruição da primeira favela, expulsão de moradores
Formação de áreas livres; ficam a Igreja e convento de Santo Antônio
Desvalorização da ocupação urbana
Barreira construída entre o centro da cidade e o mar
Demolição de parte de bairros; expulsão de moradores
Destruição de áreas históricas
Diminuição do uso residencial do centro
Expulsão de moradores, Arcos da Lapa destacados na paisagem
Destruição de área histórica, expulsão de moradores
Formação de vazios urbanos
Preservação do patrimônio, criação de espaços urbano-culturais
Ocupação de áreas livres com novas construções
Novas atividades culturais e de lazer
Novos empreendimentos residenciais
Restauração de antigos sobrados para uso residencial popular
Uso de ruas e avenidas para atividades culturais e de lazer
Restauração de sobrados para usos comerciais e de serviços
Restauração de antigos sobrados para uso residencial popular
...A história da cidade continua acontecendo nos dias de hoje, com muitas transformações.
Escreva você mesmo as consequências das obras atuais:

BREVE HISTÓRIA DAS FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

Alguns acontecimentos contribuíram para a construção de barracos nas encostas de morros próximos ao Centro da cidade, ao final do século 19:

- Desde a metade daquele século, muitas pessoas chegavam ao Rio de Janeiro, inclusive imigrantes europeus, em busca de trabalho e melhores condições de vida.
- A partir de 1888, os escravos libertos após a assinatura da Lei Áurea também precisavam de um lugar para morar e trabalhar.
- Em 1894, com o fim da Revolta da Armada, soldados que tinham vindo de várias partes do Brasil resolveram permanecer no Rio.
- Em 1897, voltavam da Bahia para o Rio, soldados que haviam lutado na Guerra dos Canudos.

Todos precisavam morar perto do centro da cidade, onde havia oportunidades de trabalho. Sem recursos, e com a permissão dos 'governos', começaram a construir barracos de madeira ou de barro, primeiro no morro de Santo Antonio e, em seguida, no morro da Providência. **Assim começaram as favelas cariocas.**



COMO SURTIU O NOME "FAVELA"

Muitos soldados que tinham lutado na Guerra dos Canudos foram viver no Morro da Providência e o acharam parecido com um morro do sertão de Canudos, que era chamado de Favela porque esse era o nome de um arbusto típico da caatinga nordestina, abundante naquela região. Por isso, o Morro da Providência passou a ser conhecido como o Morro da Favela, ou simplesmente "favela".

Na primeira década do século 20, a reforma urbana do prefeito Pereira Passos transformou a área central (ver págs. 14-15), além de executar obras em várias outras partes da cidade, para preparar o espaço urbano às necessidades do crescimento de uma cidade capitalista. Antes as ruas eram estreitas e havia grande adensamento de habitações, como nos cortiços insalubres, um dos principais responsáveis pelo aumento das epidemias que atingiam a cidade. O período da Reforma Passos ficou conhecido como "bota-abaixo", pois muitas construções foram destruídas. Afirma-se que foram demolidas **duas ou três mil casas**, onde moravam famílias numerosas. **Mais pessoas começaram a ocupar os morros.**

Tentaram acabar com as favelas...

A partir de 1940, o governo municipal estudou os problemas de higiene das favelas. Transferiu moradores para conjuntos habitacionais – os *parques proletários* –, política que não deu certo. Tentou acabar com a ocupação nos morros, executando uma política de remoções. Muitas pessoas foram morar longe do centro e de seus familiares e amigos. Com o passar do tempo, alguns governantes perceberam que não podiam acabar com as favelas e que esses lugares também precisavam dos serviços públicos.

Cidadania

No final da década de 1960, a urbanização da favela Brás de Pina foi o início de uma nova forma de intervenção: construir infraestrutura de saneamento nas favelas. Nas décadas seguintes, foram diminuindo as remoções e surgiram outros projetos de urbanização, como os de Urbanização Comunitária, o Bairrinho e o Favela-Bairro.

Muitos entendem que a favela faz parte da cidade e que seus moradores têm os mesmos direitos de todos os cidadãos. Desde 2007, foi implantado em todo o país um projeto de urbanização de favelas. Contudo, a recente realização de grandes projetos urbanos para as classes mais altas e para atividades esportivas voltou a ser motivo para a remoção de favelas. Só que agora vivemos numa democracia e existem movimentos sociais que lutam pelo direito à moradia adequada, digna de cidadãos.

As duas imagens ao lado (feitas pelo artista Guta) mostram a Praça Mauá, no centro do Rio de Janeiro, em 1910 e em 2008. Mas foram colocados três detalhes em cada uma delas, que não combinam com a época retratada. Descubra que detalhes são esses e faça um círculo em volta.



JANELAS PARA OLHAR

Desenhe pessoas nas janelas vazias. Pinte o gatinho e a pessoa que está de óculos.



CARTA ENIGMÁTICA

Use o código e tente decifrar a mensagem.



CÓDIGO

A		I	
Ã		M	
B		N	
C		O	
Ç		Q	
D		R	
E		S	
F		T	
G		U	
H		V	



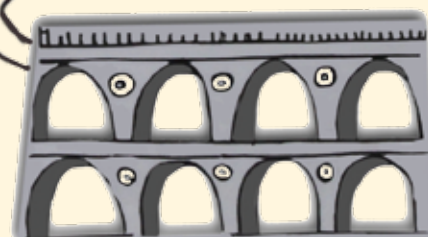
Este desenho de pontos turísticos do Rio de Janeiro vai ficar ainda mais bonito se estiver cheio de cores.

VAMOS COLORIR?



LABIRINTO

Trace o caminho da Escola Eunice Weaver até os Arcos da Lapa, passando pelo castelo da Fiocruz em Manguinhos.



As abelhas são importantíssimas para a natureza e para a nossa vida. Elas são as principais responsáveis pela polinização das flores, que dão origem aos frutos, sementes e grãos. As abelhas desse desenho querem dividir as flores entre si, de modo que cada uma fique com a mesma quantidade. Vamos ajudá-las? Quantas flores existem para cada abelha?

ABELHAS E FLORES



MORADIA SAUDÁVEL É UM DIREITO HUMANO

*“As condições e requisitos para a saúde são: a paz, a educação, a **moradia**, a alimentação, a renda, um ecossistema estável, justiça social e a equidade.”*

Esta declaração faz parte da ‘Carta de Ottawa’, assinada por diversos países na I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em 1986, no Canadá. Foi patrocinada pela OMS, a Organização Mundial da Saúde, que faz parte da ONU, Organização das Nações Unidas.

Saúde e moradia são direitos fundamentais para a vida das pessoas. O direito à moradia não se resume a um teto e quatro paredes. É necessário que a casa contribua para a saúde dos moradores.

Como aplicar isso em nosso dia a dia?

Antes de tudo, precisamos saber o que é uma habitação saudável. Veja na página ao lado.

Água pura, higiene e saneamento adequados podem evitar grande parte das doenças que provocam milhões de mortes por ano em todo o mundo.

CUIDADOS QUE DEVEMOS TER

Na construção e na manutenção de uma casa, é preciso estar bem atento a esses fatores importantes para a saúde:

- Impermeabilização
- Pintura e revestimento
- Proteção das instalações elétricas
- Avaliação estrutural (partes danificadas)
- Vedação e limpeza da caixa d’água

No dia a dia, não podemos esquecer também:

- Qualidade da água
- Limpeza dos ambientes
- Higiene Pessoal
- Descarte regular do lixo
- Cuidados com animais domésticos e invasores (ratos, por exemplo).

INDICADORES DA HABITAÇÃO SAUDÁVEL

Indicar é mostrar, apontar. Aqui vão alguns detalhes que mostram se o lugar onde moramos está protegendo a nossa saúde. Vamos conferir?

Iluminação e ventilação

A casa saudável precisa ter aberturas que deixem a luz natural entrar. Dependendo da luz elétrica o dia inteiro é caro e prejudica a saúde. A luz do sol é indispensável ao nosso bem-estar.

A circulação do ar natural é importante para respirarmos melhor. A casa precisa ter janelas de bom tamanho, que permitam a renovação do ar. Portas ou janelas em posições opostas ajudam a passagem do vento, fazendo o que chamamos de ventilação cruzada. Árvores também são muito importantes, pois fazem sombra e refrescam áreas muito quentes.

Adensamento

“Adensamento urbano” acontece quando as casas de um lugar são muito coladas umas nas outras. Isso pode dificultar a entrada de luz e a ventilação natural.

E “adensamento domiciliar” ocorre quando tem gente demais vivendo na mesma casa ou mais de duas pessoas dormindo no mesmo cômodo.

Nos dois casos, pode haver prejuízo para a saúde, como desconforto, falta de privacidade e transmissão de doenças.

Umidade e mofo

A umidade pode criar focos de doenças respiratórias dentro de casa. Pode ser causada por infiltração (danos no encanamento de água) ou quando a água da chuva entra pela fachada ou cobertura, e também pode vir do solo, subindo por dentro das paredes.

Materiais nocivos à saúde

Ficar todos os dias em contato com alguns materiais que existem na casa pode prejudicar a saúde das pessoas que ali moram. É o caso do amianto, por exemplo. Muita gente ainda não sabe que esse material, muito usado em telhados e caixas d’água, está proibido em mais de 50 países porque pode causar doenças graves, inclusive câncer.



A INFRAESTRUTURA DA CIDADE



Uma cidade é formada por moradias, comércios, escolas, praças, ruas, hospitais... e tudo isso deve se organizar no espaço urbano. Seria ainda melhor, se as cidades fossem organizadas por meio de planos.

Além disso, seria muito difícil viver nas cidades se não existissem as redes de infraestrutura.

Vamos ver como é isso?

Nem tudo na cidade são espaços construídos

Casas e prédios, lojas, indústrias, hospitais, escolas, locais de lazer, serviços como bares, restaurantes, etc. são espaços construídos. Mas também precisamos de espaços livres, que são fundamentais para a qualidade de vida nas cidades: praças, largos, parques e jardins públicos, por exemplo. Nem toda cidade possui todas essas áreas, mas algumas têm até mais do que isso. É o caso do Rio de Janeiro, que tem florestas urbanas, montanhas e planícies. Além das praias, é claro!

O que é preciso para a cidade funcionar bem?

Para um bom funcionamento, a cidade precisa ter serviços públicos: as chamadas infraestruturas urbanas, também conhecidas como redes de infraestrutura.

Existem vários sistemas de redes de infraestrutura.

1. Sistema Viário

Formado pelas vias urbanas:

- ruas, onde circulam automóveis, ônibus, motos, caminhões;
- ciclovias, onde passam bicicletas;
- calçadas, onde andam pedestres (também existem ruas só para pedestres).
- O conjunto de vias urbanas conta com a rede de drenagem, que faz escoar as águas das chuvas para permitir a circulação de veículos e pessoas também em dias chuvosos.

2. Sistema Sanitário – saneamento básico

- A rede de água se organiza como uma árvore com um tronco e muitos galhos. O tronco nasce nos reservatórios de água e os seus ramos são os canos que chegam até a casa. É necessário que essa rede passe por uma estação de tratamento para que a água fique livre de impurezas prejudiciais à saúde, antes de chegar às casas.
- A rede de esgoto completa o sistema sanitário e também se apresenta como uma árvore, só que funciona no sentido contrário ao da rede de água potável. As águas já usadas passam pelos ramos mais finos e saem pelo tronco dessa rede. Mas é necessário que o esgoto também passe por uma estação de tratamento, antes de ser despejado de volta aos rios.

3. Sistema de Energia

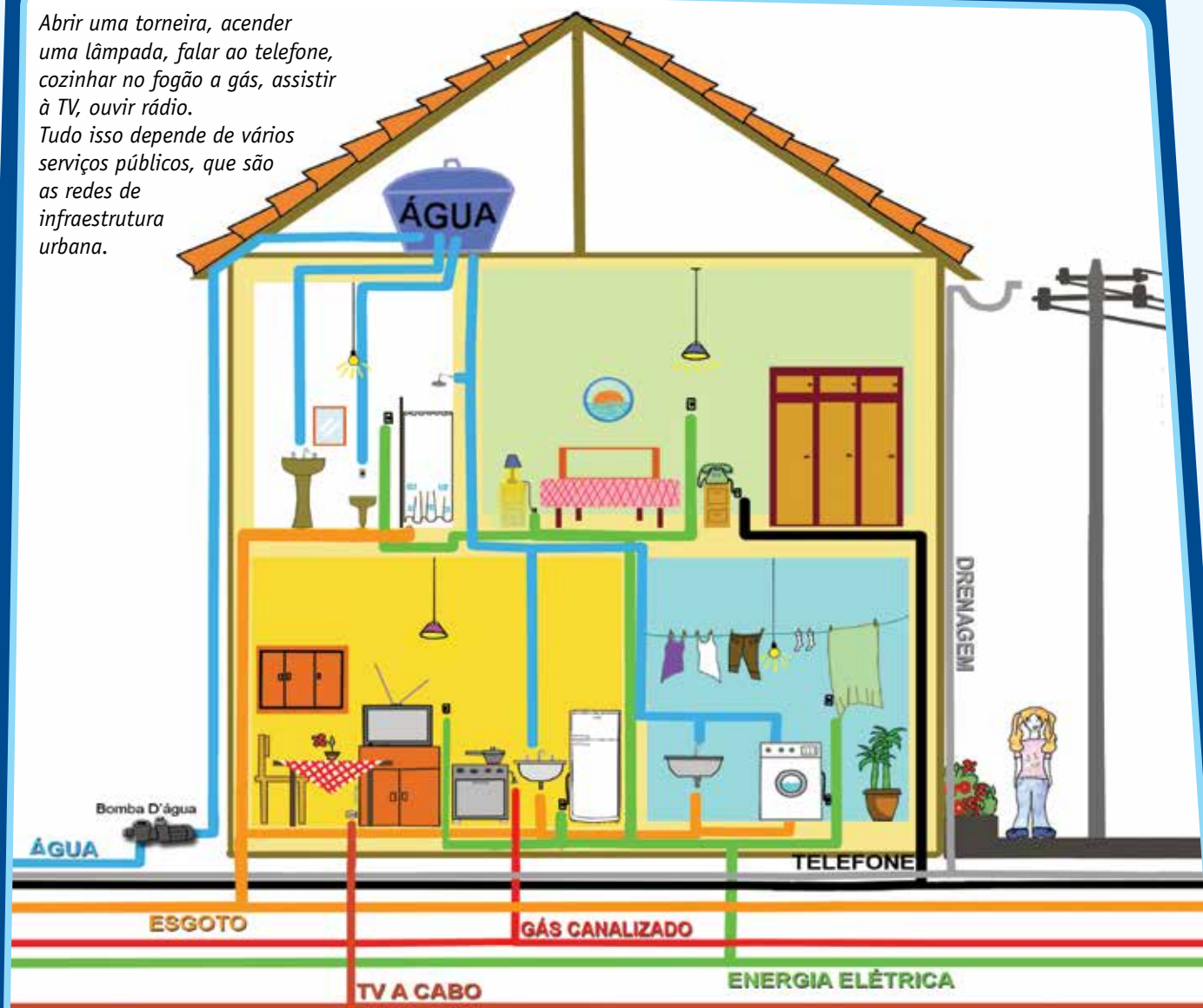
São as redes de energia elétrica e de gás. Nos lugares onde não existe gás canalizado, utiliza-se botijão de gás.

4. Sistema de Comunicações

Rede de telefone fixo, de televisão a cabo, de internet...

Os celulares funcionam por meio de ondas eletromagnéticas, por isso não precisam de redes fixas.

Abrir uma torneira, acender uma lâmpada, falar ao telefone, cozinhar no fogão a gás, assistir à TV, ouvir rádio. Tudo isso depende de vários serviços públicos, que são as redes de infraestrutura urbana.



A cidade é formada por diferentes grupos sociais

Toda a cidade deveria receber as redes de infraestrutura urbana construídas pela prefeitura, as redes oficiais. Mas nem sempre é assim.

Muitas vezes as redes são construídas pelos próprios moradores. São as redes informais, muito comuns em favelas ou comunidades.

Mas é importante que as redes oficiais assegurem a qualidade desses serviços, a qualidade de vida e a saúde em todos os espaços da cidade.

Aliás, você sabe quais são os direitos sociais que a Constituição do nosso país nos garante?

“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 64, de 2010)

Viu quanta coisa? Todos nós temos direito a uma moradia digna!

A Lei nº 11.124/2005 (art. 4º) considera a moradia digna como um “direito e vetor de inclusão social”.

E como já vimos, a rede de infraestrutura contribui para que a nossa moradia seja mais digna. Logo, também temos direito ao acesso universal e integral aos serviços públicos de saneamento básico, como está definido na lei nº 11.445/2007 (art. 2º).

A ÁGUA DO CARIOCA NOS PRIMEIROS TEMPOS DE URBANIZAÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro cresceu entre o mar e as montanhas, num ambiente de pântanos, lagoas e florestas. Era uma bela paisagem, mas a população e os seus governantes precisavam organizar o espaço urbano para ter qualidade de vida.

A urbanização da cidade começou no morro do Castelo, que hoje não existe mais. Só que o abastecimento de água não era nada fácil. Os poços feitos no morro tinham que ser muito profundos. Nas áreas baixas e planas, urbanizadas por meio de aterros das áreas alagadas, os poços podiam ser mais rasos, mas a água era salobra, tinha gosto de sal.

A solução para ter água boa e em grande quantidade era trazer água do rio Carioca, que nasce lá perto do Corcovado e desagua na Baía de Guanabara. Então fizeram um caminho até os lugares onde esse rio desaguava. Mas era bem trabalhoso caminhar longas distâncias todos os dias para buscar água e trazê-la dentro de barris. Esse trabalho era feito principalmente por índios e por escravos chamados de “aguadeiros”.

O chafariz e os aquedutos

Instalar quilômetros de canos para trazer a água do rio Carioca até a cidade era uma obra complicada naquela época, por isso demorou mais de cem anos para ser feita. Em 1720, foi possível levar as águas por um aqueduto desde o morro do Desterro (Santa Teresa) até o campo da Ajuda (Cinelândia). Como esse lugar ainda ficava longe, três anos depois foi instalado no campo de Santo Antônio (largo da Carioca) um chafariz de mármore com 16 bocas de bronze, vindo de Portugal. Assim, o largo da Carioca

transformou-se num lugar importante como ponto de distribuição do precioso líquido para abastecimento dos moradores. Trinta anos depois, construíram um novo aqueduto, inspirado nos antigos aquedutos romanos, e que hoje é conhecido como “Arcos da Lapa”. Não transporta mais água. Hoje é considerado um importante monumento da história do Rio de Janeiro.

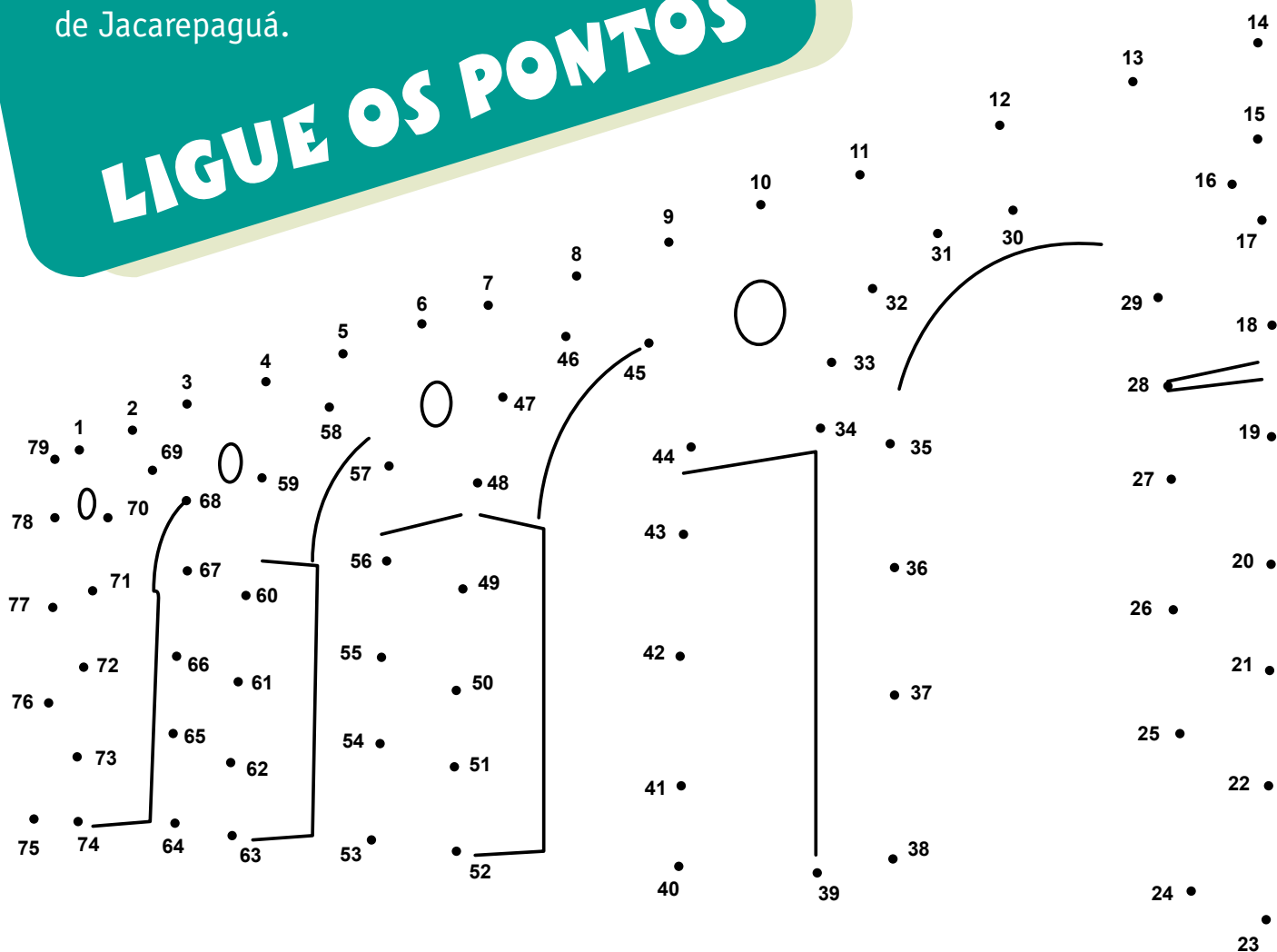
Também em meados do século 18, foi construído na região de Jacarepaguá um outro aqueduto, parecido com aqueduto da Carioca, embora menor. Ele abastecia de água a fazenda do Engenho Novo, para uso dos moradores e para girar as moendas de cana no preparo do açúcar. As águas vinham, por canaletas, de uma nascente no Maciço da Pedra Branca, onde se encontra o Parque Estadual da Pedra Branca.

A estrutura em arcos pode ser vista no atual Núcleo Histórico Rodrigues Caldas (NHRC), nas proximidades do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMASJM). Após a inauguração, em 1924, da Colônia de Psicopatas-Homens (que em 1935 passou a ser chamada Colônia Juliano Moreira), o aqueduto recebeu o nome de Aqueduto da Colônia dos Psicopatas-Homens. Mais tarde, o nome ficou sendo apenas Aqueduto dos Psicopatas.

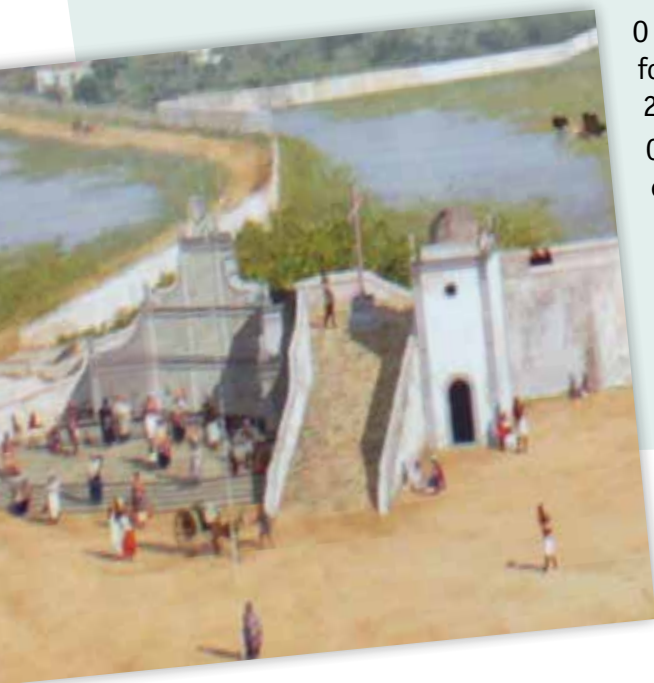


Fazendo traços na sequência dos números, você vai desenhar uma obra muito importante na história de Jacarepaguá.

LIGUE OS PONTOS



DA ANTIGUIDADE ROMANA ATÉ JACAREPAGUÁ



O sistema de abastecimento de água através de aquedutos foi desenvolvido na antiga civilização romana, há mais de 2 mil anos.

Os aquedutos eram inclinados, com uma canaleta (uma espécie de calha) por onde circulava a água captada em nascentes de lagos rio e lagos de montanhas distantes, até as cidades.

Quando a água chegava ao seu destino, ficava em um tanque reservatório, de onde era conduzida através de encanamento para tanques, fontes e bicas.

Chafariz do Largo da Carioca, em 1723.

TAMBÉM SOMOS RESPONSÁVEIS PELO AMBIENTE EM QUE VIVEMOS



Existem várias maneiras de melhorar o conforto nas moradias e ao mesmo tempo contribuir para a sustentabilidade do planeta.

Como aproveitar a água da chuva

Esta é uma forma simples e de baixo custo para economizar água potável. Basta conduzir, através de calhas, a água que cai nos telhados e armazená-la em reservatórios.

No início da chuva, a água lava o telhado e fica suja. Então essa primeira água deve ser eliminada. Além disso, é preciso filtrar as impurezas maiores com algum filtro (uma tela, por exemplo).

Essa água não é para beber, mas tem muitas utilidades:

- irrigação de gramados e jardins
- descargas de vasos sanitários
- lavagem de pisos
- decoração (espelhos d'água)
- lavagem de veículos (usar o filtro para evitar impurezas que possam arranhar os veículos)
- usos industriais que não exigem água potável

Para saber mais:

<http://rmai.com.br/v4/Read/657/estudo-de-vantagens-da-captacao-de-agua-de-chuva-para-uso-domestico.aspx>

Telhados claros e verdes

Superfícies escuras absorvem calor e esquentam o ambiente. Usando um tipo de telha bem clara, que é capaz de refletir a energia solar, podemos amenizar o calor. Para isso, basta pintar de branco as telhas cerâmicas, ou revestir a laje de cobertura com cerâmicas claras.

Outra solução é substituir os telhados tradicionais por telhados verdes. Primeiro é preciso impermeabilizar o telhado; depois disso, você pode cobri-lo com uma camada de terra e plantas (geralmente se usa grama). Também é possível plantar hortas ou flores no telhado. Fica bonito e é útil em lugares com pouco espaço livre fora das casas.

Vantagens do telhado verde:

As raízes das plantas absorvem a água e liberam vapor para a atmosfera, aumentando a umidade relativa do ar.

As plantas retiram partículas em suspensão no ar, tornando o ambiente agradável como nos parques



arborizados. Assim podemos economizar energia, evitando ligar o ar condicionado ou o ventilador.

A fotossíntese é potencializada, retirando gás carbônico do ar, e isso ajuda no combate ao aquecimento global. Cada 10 mil m² de telhados verdes instalados elimina cerca de 50 toneladas de gás carbônico.

Na página 35 você pode ver onde encontrar mais informações sobre telhados verdes.



Para saber mais:

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/casa/conteudo_264394.shtml

<http://www.ecotelhado.com.br/Por/ecotelhado/default.aspx>

Aquecedor solar de baixo custo (ASBC)

Aproveitando o calor do sol para aquecimento da água, o ASBC permite grande economia em gastos de chuveiros elétricos, por exemplo.

Mas esse sistema não substitui totalmente o convencional.

Usam-se, basicamente, tubos e placas em PVC que ficarão expostos ao sol e por onde passará a água a ser aquecida. A caixa d'água que armazena a água quente deve ser revestida com isolante térmico para manter a temperatura por mais tempo.

Vantagens do ASBC:

- Conservação de energia e preservação dos recursos ambientais.
- Possibilidade de geração de empregos.
- Aumento de renda familiar e economia para instituições.
- Redução de emissões de gases de efeito estufa (p. ex.: CO₂).

O ASBC tem sido desenvolvido pela ONG Sociedade do Sol (<http://www.sociedadedosol.org.br/>).

Para saber mais:

<http://www.sociedadedosol.org.br/>

Outra forma de aproveitar a luz solar é convertê-la em eletricidade, o que chamamos de energia fotovoltaica. Ainda não é muito barata no Brasil, mas com o tempo será uma opção de baixo custo e manutenção mínima.

Maquete de uma casa com três soluções de sustentabilidade: aproveitamento de água da chuva, telhado verde e aquecedor solar.

Maquete confeccionada por Jaqueline de Aquino e Márcio Messias



DEPOIMENTOS



LAUDELINA DE ALMEIDA FERREIRA

“Eu tinha que acordar às 3h30 da manhã e tomar três conduções para estudar.”

Meu pai era porteiro aqui no Rio e nós morávamos em Maricá. Em 1965, fomos morar na Ilha das Dragas, uma comunidade que existia às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em 1967, fomos enxotados da Zona Sul, porque achavam que a gente atrapalhava o visual. Sumiram com os líderes da nossa associação. As pessoas ficaram amedrontadas, então aceitamos ser removidos.

Na Cidade de Deus, encontramos todos os problemas: não tinha água, nem asfalto, nem comércio, nem escola, a rua era de barro e o pessoal usava carroças. Eu tinha que acordar às 3h30 da manhã e tomar três conduções para estudar. Antes de concluir a Escola Normal, tive que parar, por causa da distância, e só mais tarde voltei a estudar.



Hoje, a Cidade de Deus é um bairro e tem uma região administrativa, onde podemos nos queixar e buscar soluções para os serviços básicos. Apesar da nossa luta ainda não temos escola de Ensino Médio. Problemas assim contribuem para o fim de alguns dos nossos sonhos.

Meu envolvimento com questões sociais surgiu depois da faculdade. Pelo projeto comunitário de pré-vestibular, ganhei uma bolsa integral para estudar na PUC. Quando a gente ganha essa bolsa, um quesito é aplicar na comunidade o que se aprende.

JAQUELINE DE AQUINO

“Nosso bairro tem de tudo. O que precisa mudar é a conscientização das pessoas.”

Depois que minha mãe morreu, quando eu tinha 3 anos de idade vim da Bahia para o Rio de Janeiro, onde fiquei com minha tia. Nesse meio tempo, ela comprou uma casa aqui. Depois morei em outros bairros e acabei voltando para Curicica, onde moro há 20 anos.



Não tinha saneamento, só uma ligação de água improvisada pelos moradores. Eletricidade também era precária. Telefone era quase impossível. Condução até hoje é difícil, mas era muito pior. E o comércio não tinha quase nada próximo, hoje é ótimo. Até onde eu sei, nada era feito por órgãos públicos. O que pode melhorar é a prefeitura legalizar os serviços.

Infelizmente não tive apoio familiar para aprender mais. Mas estou sempre aprendendo coisas novas, porque me sinto na obrigação de responder certo quando as pessoas vêm me perguntar, pedindo ajuda sobre vários assuntos.

Nosso bairro tem de tudo. O que precisa mudar com urgência é a conscientização das pessoas. Não é o mundo que tem que dar para você, é você que tem que dar para o mundo, porque quanto mais se dá, mais se recebe.

Estes depoimentos de quatro moradoras de comunidades de Jacarepaguá mostram a importância de conhecer os problemas da cidade e do bairro onde moramos, e de participar ativamente dos esforços da comunidade para a melhoria das condições de vida.

JANE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

“A água era salobra. A gente moía cana para beber o caldo e até para fazer café.”

Eu tinha oito anos quando minha família veio para Curicica, na década de 1960. Era um lugar rural. Não tinha água de beber, era água do poço, salobra. A gente moía cana para beber o caldo e até o café era coado com caldo da cana.

Agora é um bairro, urbanizou tudo, tem água encanada, muitos prédios, a Vila Autódromo. A meu ver, o bairro é Curicica, mas para valorizar a região começaram a chamar de Barra.

Nunca teve sistema de esgoto. Esses condomínios fazem a caixa de tratamento só para dizer que fizeram, mas tem esgoto sendo jogado na beira da pista ou indo para o rio.

O recolhimento de lixo pesado também é insuficiente. Se alguém quiser se desfazer de um móvel, por exemplo, tem que implorar para irem buscar.

Faço parte da associação de moradores. Nem todos ajudam, mas respeitam. Muitos procuram se informar sobre o que está acontecendo, principalmente agora que estamos sofrendo remoções.

A indignação me leva a lutar. O cidadão tem direitos e deveres, mas o governo também tem. Por que tirar as comunidades que vivem em casinhas, que são acostumadas a ter seu terreninho para plantar e criar galinhas? Isso é um direito nosso. Por que mudar toda uma cultura? Querem enfiar a gente dentro de um caixote?

Pelo amor de Deus, o povo não é gado!



MARLENE DE SOUSA CORDEIRO

“Vi que o teto estava caindo em cima de nós e protegi as crianças com meu corpo.”

Passei a infância em Paracambi. Minha mãe teve um problema quando deu a luz ao meu irmão caçula e chorava muito. Naquele tempo, quando se fazia uma coisa que não era normal, a pessoa era internada. Por isso ela ficou na colônia 14 anos. Quando teve alta, viemos ficar com ela.

Casei aos 20 anos e fui morar em Nova Iguaçu, mas quando eu estava grávida do terceiro filho a casa desabou durante um temporal. O guarda-roupa aguentou a parede e evitou que a gente morresse ali. Quando vi que o teto estava caindo em cima de nós, me abaixei e protegi as crianças com meu corpo. Fiquei muito machucada e o meu marido teve que me levar para o hospital. Depois desse temporal, não podíamos mais ficar lá e viemos morar aqui. Há 48 anos eram pouquíssimas casas. A nossa era feita de estuque e hoje é uma casa direitinha.

O bairro melhorou. Só o que continua ruim é o abastecimento de água. Mas quem faz o local é a gente, e eu gosto daqui por causa do ambiente, das amizades.



COMO FOI FEITO ESTE

TODOS DERAM IDEIAS...

“Tem que ser uma coisa colorida, com um jeito interessante de passar a mensagem. Tem que trazer às pessoas o interesse e a preocupação de ter uma moradia saudável. Uma capa bem jovem e colorida.” (Amanda)

“Devemos falar sobre a cidade, sobre os monumentos, o que eles representam, sobre a urbanização e algumas dicas de sustentabilidade, como a ideia do teto solar, a água da chuva que pode servir para várias coisas.” (Renata)

“Não pode ser muito infantil. Tem que ser de um jeito que chame atenção tanto das crianças quanto dos jovens.” (Fabrício)

“O Almanaque pode ter vários jogos para entreter quem está lendo. Jogos que interessem desde a criança ao adulto.” (Flaviane)

“Caça-palavras, palavras cruzadas, jogo dos 7 erros, história em quadrinhos com humor e muito educativa. Tem que ser de um jeito que atraia as crianças e os jovens.” (Mayara)

“Podemos falar sobre arte, natureza, poluição. E falar sobre reportagem, ou a gente mesmo faz com as pessoas.” (Andreza)

“Eu acho que os temas estão legais e que o almanaque quando sair deveria ser apresentado também em outras escolas.” (Christian)

“O Almanaque poderia ser distribuído nas comunidades e em igrejas e em lugares públicos. Os temas são bons e essa ideia tem que se espalhar.” (Raquel)





TODOS TRABALHARAM...

O que mais gostaram nesse trabalho?

"Aprendi várias coisas que eu não sabia. Gostei de aprender sobre caixa d'água. O passeio ao Teatro Municipal foi muito maneiro. Gostei de ver as cadeiras, o teto, a parede. Gostei também do vídeo sobre a casa antes e depois." (Ana Lúiza)

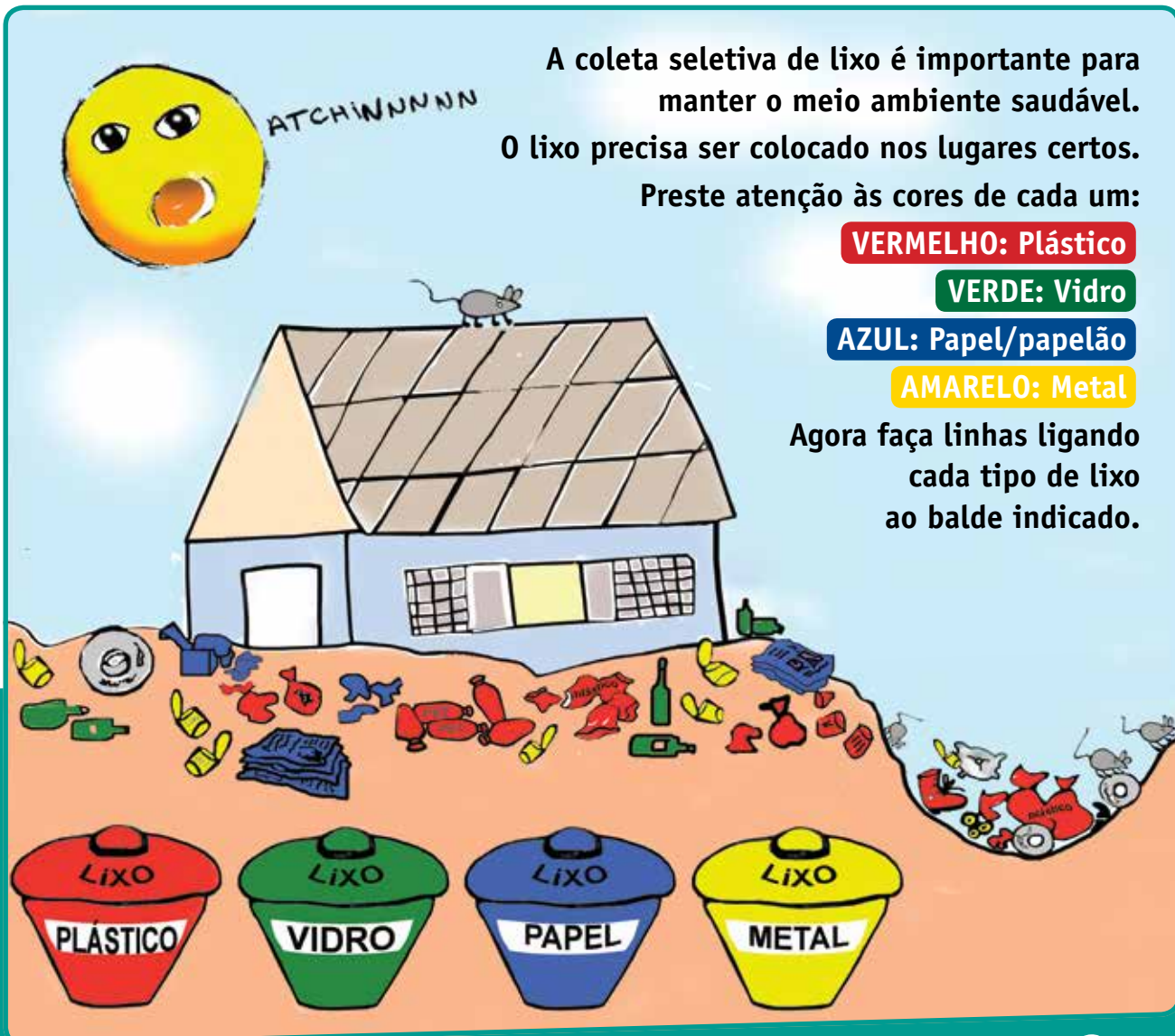
"A união e o fato de ter trabalhado junto, em grupo. O assunto que mais me liguei foi habitação saudável." (Christian)

"O que mais gostei no projeto foram os passeios." (Gabriel Henrique)

"Gostei das aulas sobre os melhoramentos do telhado da casa, aprender sobre iluminação... Gostei de tudo." (Renata)

"O trabalho em grupo. Acho que a gente aprende a trabalhar com bastante gente. A dividir." (Julyana)





A coleta seletiva de lixo é importante para manter o meio ambiente saudável. O lixo precisa ser colocado nos lugares certos. Preste atenção às cores de cada um:

VERMELHO: Plástico

VERDE: Vidro

AZUL: Papel/papelão

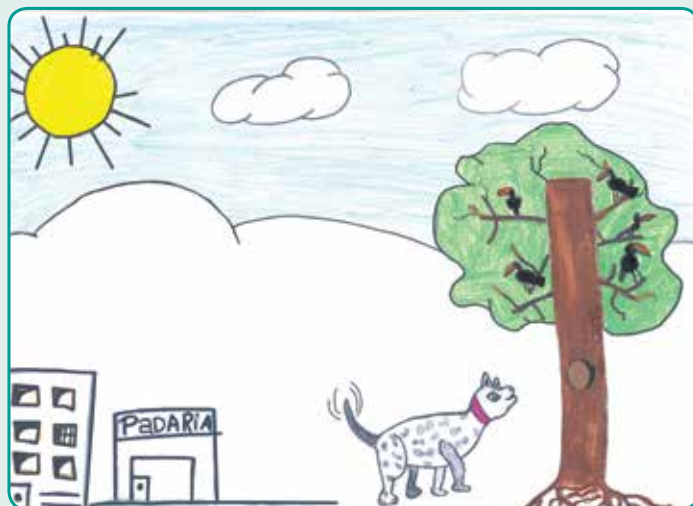
AMARELO: Metal

Agora faça linhas ligando cada tipo de lixo ao balde indicado.

LEVE O LIXO ATÉ O LUGAR CERTO

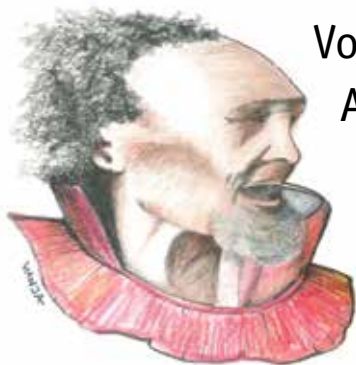
JOGO DOS NOVE ERROS

Os desenhos parecem iguais, mais há nove diferenças. Você consegue descobrir quais são?



Arthur Bispo do Rosário

“UM DIA SIMPLEMENTE APARECI NO MUNDO”



Você já ouviu falar em Arthur Bispo do Rosário? Ele viveu muitos anos em um pequeno quartinho na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, e suas

obras de arte são hoje exibidas em museus e galerias no Brasil e no exterior.

Nascido em 1909, no Sergipe, ele foi marinheiro, lutador de boxe, vigia de uma clínica médica, entre outras atividades. Em final de 1938, foi internado no Hospital dos Alienados, na Praia Vermelha, com diagnóstico de doença mental. Em 1939, foi levado à Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, onde ficou por 50 anos, vindo a falecer em 1989. Lá desenvolveu sua criatividade e impressionou a todos com a sua imensa e diversificada produção artística, que abrange bordados, pinturas, esculturas e colagens com utilização de materiais variados. “Um dia simplesmente apareci no mundo”, dizia ele. Usava sobras de materiais dispensados no hospital para criar suas obras, inventando um mundo paralelo.

Existe hoje um museu com seu nome no prédio do Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS), na área da antiga Colônia Juliano Moreira. Criado em 1982, o Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea reúne um acervo permanente de 802 obras.



RESULTADOS DOS PASSATEMOS

Pág. 11 – Onde estão os bairros?

1	Jacarepaguá
2	Taquara
3	Vila Valqueire
4	Praça Seca
5	Tanque
6	Pechincha
7	Freguesia
8	Curicica
9	Anil
10	Gardênia Azul

Pág. 18 – Carta Enigmática

“Uma habitação adequada em tamanho, higiene e conforto deve ser direito de todos”

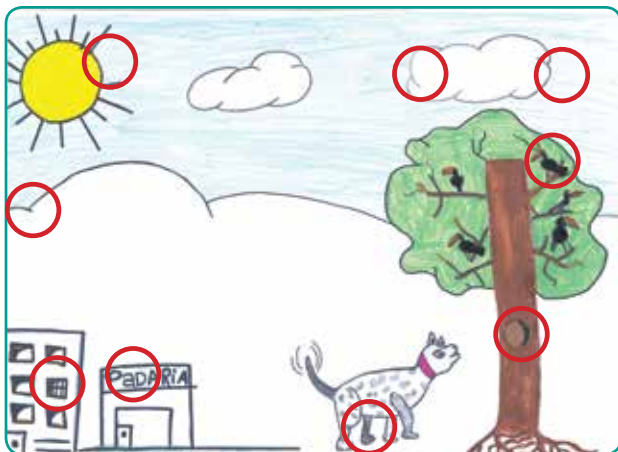
Pág. 19 – Abelhas e flores

No desenho há 40 flores e 8 abelhas. Portanto, são 5 flores para cada abelha.

Pág. 32 – Leve o lixo até o lugar certo

Cada tipo de lixo foi desenhado com a mesma cor do balde adequado.

Pág. 32 – Jogo dos nove erros

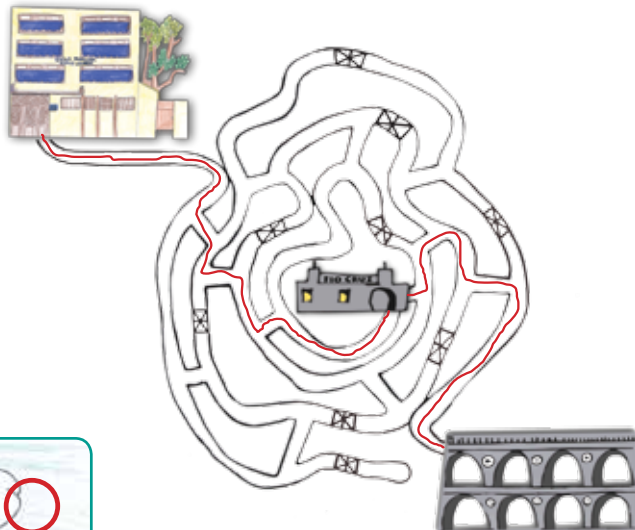


Pág. 17 – Jogo do tempo

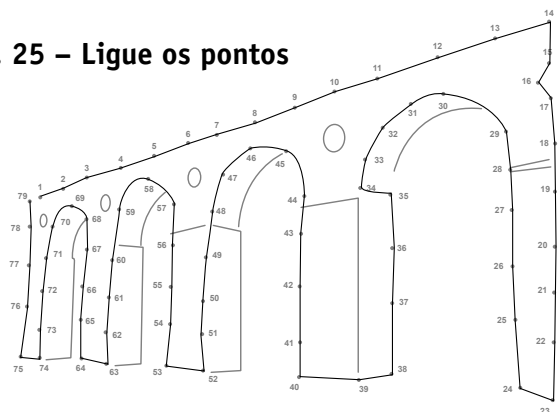


Estas são as imagens corretas. Mas na página 17, na figura de cima, apareceram um avião, um ônibus e até uma moça de minissaia, que nada têm a ver com aquela época (1910). E na segunda figura, de 2008, foram colocados um grupo de escravos carregando um baú, uma senhora com vestido longo do século 19 e um ‘tílburí’, antigo veículo de dois lugares puxado por um cavalo.

Pág. 19 – Labirinto



Pág. 25 – Ligue os pontos



Bibliografia

ABREU, Mauricio de Almeida. A Cidade, a Montanha e a Floresta. In: **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. ABREU, Mauricio de Almeida (Org.). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, departamento geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

_____. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iplanrio/Jorge Zahar, 1987.

_____. **Reconstruindo uma história esquecida: origem expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro**. Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Ano XIV, n. 37. São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1997.

ANDRADE, Inês El-Jaick. Ruínas do Antigo Engenho Novo no Núcleo Histórico Rodrigues Caldas da Colônia Juliano Moreira: pesquisa histórica e iconográfica.

Revista da História da Arte e Arqueologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas 2010.

BRASIL. Congresso. **Lei Nº 11.124 de 16 de junho de 2005**. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11124.htm>. Acesso em: 16 ago. 2012.

BRASIL. Congresso. Lei Nº 11.445 de 5 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11445.htm>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BRASIL. Senado. Emenda Constitucional Nº 64 de 4 de fevereiro de 2010. Altera o art. 6º da Constituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc64.htm>. Acesso em: 11 set. 2013.

CARTA DE OTTAWA. **Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde**. Ottawa, 1986. Disponível em <<http://www.opas.org.br>>. Acesso em: 11 set. 2013.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FIOCRUZ. Campus Fiocruz Mata Atlântica (CFMA). **Relatório Final** – Uma proposta de *habitat* saudável em comunidade vizinha ao Campus Fiocruz da Mata Atlântica: geração de metodologias e intervenção social para a melhoria do ambiente construído. Rio de Janeiro, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOBO, Valdeir da Costa; SILVA, Luciana Araujo Gomes da. **Desvendando a Barra da Tijuca e Jacarepaguá**. Rio de Janeiro: Edição dos autores, 2012. 2ª Ed.

MASCARÓ, Juan Luis; YOSHINAGA, Mário. **Infraestrutura urbana**. Porto Alegre: L. Mascaro, J. Mascaro, 2005. 207 p. P. 13 -20.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Guia do patrimônio cultural carioca: bens tombados**. Secretaria Municipal das Culturas (SMC)/ Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC), 2000.

VAN LENGEN, J. **Manual do arquiteto descalço**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2002.

VAZ, L. F.; SILVEIRA, C. B. A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmica do lugar. In: VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. Barueri, SP: Manole, 2009.

Fotógrafos

Lin Lima – páginas 2,3, 27, 28, 29, 30, 31
Acervo do Campus Fiocruz da Mata Atlântica – p.10
Valdeir da Costa Lobo – p. 13
Guta – p. 14, 24, 25
Sergio Munck – p. 26
Ana Beatriz Melo – p. 30, 31
Rodrigo Lopes / Acervo Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea – p. 33

Edição dos desenhos dos jovens

Capa do almanaque: Renan Cardoso
Ilustrações das páginas: Vanja Freitas

Mapas

Os mapas da página 11 e do encarte tiveram como base o site <http://portalgeo.rio.rj.gov.br>

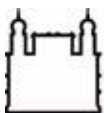
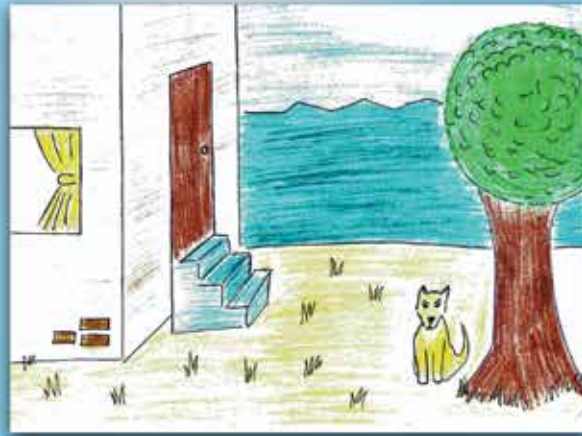
Imagens do Rio Antigo

Os desenhos históricos das páginas 17 e 24-25 são do artista gráfico Carlos Gustavo Nunes Pereira, mais conhecido como Guta, falecido em 2012. Durante três décadas dedicou-se à história urbana e arquitetônica do Rio de Janeiro, reproduzindo com fidelidade as transformações ocorridas em alguns dos cenários mais significativos da cidade.

Lançou séries de desenhos que são uma verdadeira viagem no tempo, sobre a Praça XV, os Arcos da Lapa (estas duas em parceria com o Instituto Pereira Passos), Largo da Carioca, Porto do Rio, Copacabana, Quinta da Boa Vista, Cinelândia e Praça Mauá.

GALERIA

Desenhos dos jovens que participaram da criação deste Almanaque.



FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

PDCFMA Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz da Mata Atlântica